



## SEÇÃO: ENSAIO

## O mato e a cidade angolanos, o subúrbio e a zona sul cariocas: a construção do espaço em "O feto", de João Melo, e em "Monólogo de Tuquinha Batista", de Aníbal Machado

*The countryside and the city in Angola, the periphery and the south side in Rio de Janeiro: the construction of space in João Melo's "O feto" and Aníbal Machado's "Monólogo de Tuquinha Batista"*

**Arthur Almeida Passos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2616-3161](https://orcid.org/0000-0002-2616-3161)

[arthur-passos@hotmail.com](mailto:arthur-passos@hotmail.com)

**Recebido em:** 19 jun. 2021.

**Aprovado em:** 19 jul. 2021.

**Publicado em:** 16 dez. 2021.

**Resumo:** Neste artigo, analisamos a construção do espaço em duas narrativas das literaturas de língua portuguesa – "O feto", do autor angolano João Melo, e "Monólogo de Tuquinha Batista", do autor brasileiro Aníbal Machado –, com ênfase na composição das zonas rural e urbana de Angola, no primeiro caso, e do subúrbio e zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no segundo. Nossa hipótese é que esses espaços, tal como tecidos pelo trabalho autoral nos olhares e vozes das narradoras de cada conto, apresentam-se como diametralmente opostos: por um lado, o mato e o subúrbio seriam considerados de modos inteiramente positivos pelas referidas enunciadoras; por outro, a cidade e a zona sul seriam tratadas de formas completamente negativas pelas mesmas personagens. Para verificar se essa suposição interpretativa se sustenta ou não, recorreremos, como referencial analítico específico, ao conceito de espaço como focalização, ponto de vista ou perspectiva, e ressaltamos, como princípios analíticos gerais, a condição das narradoras enquanto sujeitos literários e a natureza estética dos espaços em destaque.

**Palavras-chave:** Literaturas de língua portuguesa. João Melo. Aníbal Machado. Espaço. Subjetividade.

**Abstract:** In this paper, we analyze the construction of space in two short stories from the Portuguese-language literatures: "O feto", by the Angolan author João Melo, and "Monólogo de Tuquinha Batista", by the Brazilian author Aníbal Machado. More specifically, we focus on how are aesthetically composed the Angolan countryside and city, in the first case, and Rio de Janeiro city's periphery and south side, in the second one. We suppose that the members of each pair of spaces reveal themselves as entirely opposite to one another: on the one hand, the Angolan countryside as well as Rio's periphery would be considered with absolutely positive eyes by the narrators of each text; on the other, the Angolan city as well as Rio's south side would be regarded with a completely negative disposition by the same characters. In order to verify whether this hypothesis is true or not, we adopt, as an analytical concept, the notion of space as focalization, point of view, or perspective, and emphasize, as analytical principles, the condition of the protagonists of each narrative as literary individuals as well as the aesthetic nature of the four spaces highlighted in this study.

**Keywords:** Portuguese-language literatures. João Melo. Aníbal Machado. Space. Subjectivity.



## Introdução

Neste artigo,<sup>2</sup> analisamos a construção do espaço em dois contos das literaturas de língua portuguesa: "O feto", do autor angolano João Melo, publicado em *Filhos da pátria* em edição brasileira em 2008,<sup>3</sup> e "Monólogo de Tuquinha Batista", do autor brasileiro Aníbal Machado, presente na quinta edição de *A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias*, de 1973.<sup>4</sup> Mais especificamente, enfocamos a composição estética do mato e da cidade em Angola, no primeiro caso, e, no segundo, a elaboração literária do subúrbio e da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Partimos da hipótese de leitura segundo a qual esses espaços, tal como tecidos pelo labor dos autores nos olhares e vozes das narradoras de cada texto, apresentam-se como diametralmente opostos: por um lado, a área rural de Angola e o subúrbio do Rio de Janeiro seriam considerados de modos absolutamente positivos pelas referidas enunciantoras; por outro, a cidade angolana e a zona sul carioca seriam tratadas de formas completamente negativas pelas mesmas personagens. Para testar se a mencionada suposição interpretativa é pertinente ou não, recorreremos, como referencial analítico específico, ao conceito de espaço como focalização, ponto de vista ou perspectiva, e ressaltamos, como princípios analíticos gerais, a condição das protagonistas das narrativas enquanto sujeitos literários e a natureza estética dos espaços em destaque nesta investigação.

Antes de passar para a seção propriamente teórica deste trabalho, salientamos que, do ponto de vista crítico, examinar a construção do espaço em "O feto" encontra razão de ser, em parte, em reflexão de Mantolvani (2007). Em meio a breves comentários sobre os contos integrantes de *Filhos da pátria*, a estudiosa afirma que a composição estética dos musseques – como são chamados os bairros periféricos de Luanda – constitui uma tradição na literatura angolana, tradição a que João Melo dá continuidade com

sua obra, estabelecendo consequente contato com outros autores do país. No que se refere a "Monólogo de Tuquinha Batista", o interesse da análise proposta nesta investigação pode ser ilustrado com a posição de Lacerda (2013). Antes de examinar cerradamente as narrativas "Tati, a garota", "O telegrama de Atarxerxes" e "Viagem aos seios de Duília", a pesquisadora defende a necessidade de haver mais estudos que se debrucem sobre as produções literárias do referido autor e, em especial, sobre as formas de construção do espaço nelas mobilizadas. Com base nessas observações, procuraremos, ao longo do exame da elaboração espacial de "O feto" e "Monólogo de Tuquinha Batista", dialogar com a fortuna crítica de João Melo e Aníbal Machado mais especificamente ligada a tais obras, com o intuito de apontar em que medida nossos achados se aproximam ou se afastam das reflexões já realizadas acerca dos textos em questão.

Conforme veremos, estudos que compõem as respectivas fortunas críticas dos autores, ao lidarem com a montagem literária dos contos mencionados, buscam associá-la, de maneiras mais ou menos ostensivas, a aspectos de ordem histórica, política e social que as narrativas efetivamente fazem emanar. Em nosso caso, ainda que reconheçamos a importância da articulação literatura/sociedade, demonstrada pelos próprios resultados a que chegaram as pesquisas consultadas, concederemos o máximo possível de atenção aos elementos formais das obras em análise, na tentativa de propiciar novas contribuições para os debates a elas concernentes a partir desse gênero específico de estudo. Assim, sob o ângulo metodológico, nosso trabalho avizinha-se daqueles que, no domínio da literatura comparada, investem seus esforços na identificação, descrição e interpretação dos recursos estéticos empregados nas produções selecionadas para observação e cotejo, ou, de acordo com a percepção de Carvalho (2006, p.

<sup>2</sup> Inicialmente desenvolvido como trabalho final da disciplina Teorias críticas do texto literário, ministrada pelas Prof.ªs. Dr.ªs. Raquel Guimarães, Márcia Morais e Ivete Walty, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

<sup>3</sup> Conforme Ribeiro (2008), a primeira edição, portuguesa, é de 2001.

<sup>4</sup> Segundo Coelho (2010), "Monólogo de Tuquinha Batista" veio à luz, pela primeira vez, em 1959, na segunda edição de *Vila feliz*.

5), entre aqueles que "[...] investigam processos de estruturação das obras". Importa dizer, ainda, que a comparação entre os "processos de estruturação" desempenhados em "O feto" e "Monólogo de Tuquinha Batista", a ser efetuada depois de finalizado o percurso analítico, terá como propósito evidenciar os pontos de convergência e divergência entre os contos segundo o exame da elaboração artística de seus respectivos e principais espaços ficcionais, de modo a respeitar a finalidade precípua da atividade comparativa.

### 1 Espaço e sujeito como categorias literárias

Segundo Brandão (2013), a ideia de espaço como focalização, ponto de vista ou perspectiva considera o observador ou observadora, e não apenas aquilo que ele ou ela observa, como um espaço, na medida em que ele ou ela se constitui como lugar a partir do qual pode perceber, visualmente, outros espaços. Assim, a referida noção concebe, na verdade, a existência de dois espaços: o espaço visto e o espaço a partir do qual se vê. Verticalizando tal conceito, o pesquisador também afirma, com base em uma concepção relativizada de visão, que ambos os espaços podem ser compreendidos como inter-relacionados. Por fim, ao tratar da mencionada acepção de espaço no domínio mais restrito da literatura, ele ressalta ainda a importância, "[...] sobretudo no âmbito de narrativas realistas, [...] da definição da instância narrativa: da 'voz' ou do 'olhar' do narrador" (BRANDÃO, 2013, p. 62).

Seguindo o caminho traçado por Brandão (2013), consideramos que a análise da construção do mato e da cidade angolanos em "O feto" e do subúrbio e da zona sul cariocas em "Monólogo de Tuquinha Batista" deve ser acompanhada do exame da composição das narradoras que se referem ou aludem a tais espaços nos respectivos contos. Em linhas gerais e para início de conversa, indicamos que tais enunciatórias compartilham traços que as definem em grande medida e que incidem de forma relevante em sua posição nos mundos elaborados nas narrativas, quais sejam, ambas são mulheres, vivem em espaços perifé-

ricos, ainda que urbanizados, e protagonizam os textos de João Melo e Anibal Machado escolhidos para esta investigação. A partir da verificação dessas características mais abrangentes, apontamos, desde já, pelo menos duas implicações importantes, sob o ângulo teórico, para o estudo das referidas obras. A primeira é que, contando suas próprias histórias, as personagens fogem ao padrão do homem branco europeu – privilegiado enquanto sujeito no mundo ocidental e, no âmbito mais específico da literatura, na posição de narrador –, atestando, conseqüentemente, a presença de certa diversidade nos espaços político e literário. Depreendemos tal efeito dos seguintes dizeres de Massey (2008, p. 31):

[...] a estória do mundo não pode ser contada (nem sua geografia elaborada) como a estória apenas do "Ocidente", ou a estória, por exemplo, daquela figura clássica (irônica e freqüentemente, ela própria essencializada) do macho branco, heterossexual [...] essas eram estórias particulares, entre muitas outras [...].

A segunda implicação, que fortalece, do ponto de vista linguístico, a primeira, é que as narradoras dos contos ocupam a própria posição de falantes. Partindo da compreensão de Benveniste (2005), entendemos que tal tomada de lugar pelas enunciatórias é fato decisivo para sua constituição enquanto sujeitos literários, uma vez que esta se dá em razão do uso da palavra por parte delas nas narrativas. Segundo o linguista, "É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como 'sujeito'. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua" (BENVENISTE, 2005, p. 288, grifo do autor). Assim, tais personagens se apresentam, de fato, como sujeitos, ainda que "de papel" – para tomar de empréstimo os termos de Santos e Oliveira (2001, p. 27) –, e não como objetos, apesar de passíveis, em menor ou maior grau, à coisificação – conforme notaremos ao longo e, especialmente, ao final da análise –, e, dado o caráter realista das narrativas, que inscrevem lugares e circunstâncias relacionáveis, em menor ou maior medida, ao universo extratextual, aproximam-se de jovens de carne e osso, postas à margem – com mais ou menos

intensidade – do mundo em que vivem, fazendo ver as contradições e limitações deste.

A propósito, apreender a construção literária daquele ou daquela que, na condição de sujeito ficcional, observa e enuncia pode se mostrar particularmente interessante para o estudo de narrativas realistas, como explicita Brandão (2013) ao tratar da noção de espaço como focalização, ponto de vista ou perspectiva e como é o caso dos contos selecionados para exame neste trabalho. Com efeito, ambas as produções procuram estabelecer relações com o mundo extratextual, o que é indiciado pelas próprias denominações dadas aos espaços nelas elaborados, por exemplo, e por outros aspectos específicos que os compõem. Tais relações, porém – é sempre bom frisar –, dão-se a partir de objetos artísticos, e não de documentos, e as referências ou alusões ao que também existe fora daqueles textos precisam ser lidas enquanto elementos internos às próprias obras, de modo a se significar a ocorrência e tessitura desses índices na estrutura literária. Embora literatura, história e sociologia, por exemplo, tenham pontos em comum no sentido de ficção proposto por Rancière (2017, p. 11), isto é, enquanto “[...] estrutural[s] de racionalidade [...]”, elas se distanciam quanto a seus respectivos níveis de pretensão de explicar o real, ou mesmo de se “colar” a ele. Aqui, é oportuno lembrar a advertência que Costa Lima (2002, p. 663) dirige, especialmente, aos cientistas sociais: “Por certo, o texto sempre aponta para fora de si, seja no momento de sua produção, seja no de sua recepção, mas não é transparente a esta matéria externa, caso em que poderia ser a ela superposta, explicando-se por esta superposição”.

De acordo com tais observações, enfatizamos que a voz e o olhar das narradoras de “O feto” e “Monólogo de Tuquinha Batista” correspondem a elaborações ficcionais, pertencentes à esfera mais delimitada da literatura, e que os espaços engendrados nos mencionados contos se constituem, por meio do empreendimento dos autores, na palavra e no modo de ver das protagonistas. Também nesse sentido, a noção de espaço como focalização, ponto de vista ou perspectiva pode se mostrar útil. Conforme já

indicado por Brandão (2013), a visão, que serve de base a tal ideia, não é considerada apenas uma capacidade sensível, que limitaria o observador ou observadora a perceber, de forma neutra e passiva, os espaços em torno de si. Na verdade, essa faculdade, indo além de um suposto mero registro, é tida também como propiciadora da criação, no domínio discursivo, de tais espaços. A feição interventora e ativa da visão é verificada por Brandão (2013) na configuração de vários tipos de composição textual, entre os quais se inclui o próprio exercício da ficção. Na literatura, aliás, o caráter criativo da visão é particularmente relevante. Iser (2002), por exemplo, concorda com que a criação do texto literário, da qual a concepção de espaços é parte, resulta em uma espécie de materialização performativa, e não na pura e simples “repetição” – se é que esta é possível –, ou mesmo na mera referenciação, do mundo extratextual, que, para ele, participa do processo artístico, mas não estabelece de antemão as conexões entre autor(a), texto e leitor(a).

Também destacamos, em sentido semelhante, que a construção do mato e da cidade angolanas em “O feto” e do subúrbio e da zona sul cariocas em “Monólogo de Tuquinha Batista” não se pauta somente pela capacidade visual das narradoras dos contos. Na verdade, tal elaboração, marcadamente nos casos do mato e da zona sul, só se torna possível porque as enunciadoras, por meio e a partir de seus próprios dizeres, são capazes de transcender o espaço imediatamente perceptível pela visão. Dito de outro modo, mesmo que se encontrem, respectivamente, na cidade angolana e no subúrbio carioca no tempo da enunciação, tendo diante dos olhos determinado recorte sensível do espaço, as personagens podem dizer do mato e da zona sul sem ter de acessá-los pela percepção visual em sentido estrito. Suas experiências – identificadas, por exemplo, a memórias positivamente significativas, no primeiro caso, ou a rígidos valores morais e religiosos, no segundo, e tecidas, linguisticamente, em seus próprios enunciados – colaboram para a configuração de espaços que ultrapassam a visão propiciada pelo aqui e agora. Por isso, é válida a observação de

Brandão (2013, p. 69) acerca do que ele chama de "[...] instabilidade das categorias da percepção", as quais não se atêm, necessariamente, àquilo que é da ordem do estritamente sensível.

## 2 O mato e a cidade angolanos em "O feto", de João Melo

No conto "O feto", de João Melo, uma inominada adolescente angolana enuncia suas desventuras em uma cidade de seu país, também sem nome e para a qual se viu obrigada a fugir após a destruição da casa de sua família na zona rural, em decorrência de uma guerra civil. Miserável, desamparada, filha de pai que se torna alcoólatra e violento, e tendo se separado dos irmãos por causa dos conflitos internos de Angola, a narradora começa, aos treze anos de idade, a se prostituir, acedendo, contra sua vontade, ao pedido da mãe, a fim de conseguir dinheiro para a sobrevivência dos que restaram da família. Dois anos mais tarde, já no tempo da enunciação, a protagonista engravida de um de seus clientes – ou abusadores, talvez seja mais adequado dizer –, pede à mãe auxílio financeiro para o aborto, submete-se a condições médicas precárias para realizar o procedimento e termina por lançar o feto ao lixo, ação pela qual é abordada por terceiros, tais como repórteres, padres e integrantes de organizações não governamentais. Por meio de um discurso desesperado, perpassado por palavras agressivas, que reverberam as condições de vida hostis de que dispõe – ou a que se vê sujeita – na cidade angolana, a personagem reflete amargamente sobre suas traumáticas experiências enquanto prostituta, denuncia o abuso do corpo feminino pelos homens, questiona instituições como o Estado e a Igreja, expõe a desumanização por que passa com a família, e tenta, como pode, recuperar o tempo vivido no mato, onde a vida lhe parecia incomparavelmente melhor.

Embora haja, no conto, vários subespaços construídos, a contraposição entre o mato e a cidade em Angola, tomados de forma geral, é marcante, podendo mostrar-se produtiva, do ponto de vista interpretativo, na análise de "O feto".

Essa tensão ocorre ao longo de toda a narrativa, sendo assinalada, de diversos modos, no discurso da jovem angolana. Vale mencionar, por exemplo, o uso de verbos que (des)fazem a ligação entre o presente e o passado, o recurso a advérbios e a locuções adverbiais relacionados à marcação de tempo e o emprego de referências ou alusões aos espaços privilegiados neste estudo. Tais estratégias fazem-se conjuntamente perceptíveis no seguinte excerto, enunciado pela protagonista: "[...] eu só quero paz, quero sentar-me no teu colo e adormecer como antigamente quando estávamos no mato antes da guerra chegar [...]" (MELO, 2008, p. 155). Outra maneira relevante de distinção entre as zonas rural e urbana, e que aparece reiteradamente no texto, é realizada pela utilização da preposição "desde". Para ficar com um exemplo inicial, mencionamos outro segmento enunciado pela personagem principal: "[...] desde que tive de abandonar às pressas a minha casa do mato nunca mais que pude ter sonhos [...]" (MELO, 2008, p. 152).

Ilustrado preliminarmente o conflito entre o mato e a cidade angolanos a partir de duas breves passagens, examinemos mais verticalmente como esses espaços são construídos em "O feto". Os trechos reproduzidos já apontam para um traço importante do conto: o choque entre as zonas rural e urbana distingue entre o passado e o presente da narradora. Em outras palavras, o mato está para seu passado assim como a cidade está para seu presente. Essa tensão entre espaços também serve para caracterizá-los, já que o espaço rural, em boa parte das vezes em que o mato e a cidade se contrapõem, só se torna apreensível a partir do que a protagonista revela sobre o espaço urbano. Dos pontos de vista formal e semântico, tal recurso de composição do campo é bastante pertinente, pois este, estando devastado pela guerra, só pode ser retomado pela personagem a partir da memória de algo que já não existe, e só pode ser percebido pelos leitores e leitoras a partir de sua oposição em relação à urbe, pertencente ao tempo – cruel e imediato – da enunciação. Por exemplo, no excerto "[...] desde que chegámos do mato estamos totalmente abandonados, não

conhecemos ninguém, olhamos à toda a volta este lugar e não reconhecemos as árvores, as casas, as sombras [...]” (MELO, 2008, p. 149), o uso da preposição “desde”, que patenteia a cisão entre dois tempos e entre dois espaços, dá a entender que, no mato, a família da enunciadora, como sugere o próprio discurso desta, não se via desamparada nem estranhava o espaço em que vivia, com dificuldades de se adaptar a ele, ao contrário do que, segundo ela, ocorre agora na cidade.

A mencionada estratégia linguística revela não apenas o abandono, a desorientação e as dificuldades de adaptação experimentados pela família da narradora, mas também a desintegração, enquanto coletividade, desse grupo de sujeitos. Vejamos o seguinte excerto:

[...] desde que chegámos do mato vida dela é só levar porrada do meu pai, o meu pai não trabalha, de manhã fica só a olhar lá muito longe, o coração dele ninguém que sabe onde está, de tarde vai na praça chupar caporoto, de noite todos os dias porrada na minha mãe, os meus dois irmãos desapareceram na guerra [...] (MELO, 2008, p. 147).

A passagem evidencia que a fuga do mato e a chegada à cidade introduzem, no ambiente familiar da protagonista, fatos antes estranhos à casa: a agressão cotidiana do pai contra a mãe; o alcoolismo, a falta de ocupação e a desorientação do pai; e a ausência dos irmãos. A própria personagem, devido à miséria agora experimentada na cidade e mesmo à condição de prostituta, aspectos que dificultam prever um futuro melhor para o filho, vê-se obrigada a interromper sua gravidez, eliminando, portanto, um membro potencial da família, conforme lemos já nas palavras de abertura do conto:

É verdade mesmo, esse feto que está aí no chão esvaindo-se totalmente no meio do lixo era meu mesmo sim senhor, pra quê que vou mentir então, não preciso, eu não queria esse canuco, seria mais um só pra me atrasar a minha vida, além disso quem é mesmo o pai dele, não sei, eu sou puta, fodo com todo o mundo, brancos, pretos, mulatos, filipinos também [...] (MELO, 2008, p. 147).

Notemos que a corrosão familiar ocorre em meio à saída forçada do espaço rural, com o

sumiço dos irmãos da narradora, e é intensificada no espaço urbano, considerando seus desdobramentos na vida dos integrantes remanescentes da casa: a violência de parente contra parente, o vício da bebida, a desordem psíquica, a falta de oportunidades de sustento menos indignas e arriscadas, e a rejeição ao feto.

A atenção a excertos que contêm a preposição “desde” pode ainda se mostrar proveitosa nesse e noutros sentidos. Por exemplo, na passagem “[...] desde que chegámos do mato ela nunca mais que me tinha posto no colo dela, parece a caminhada lhe tinha mudado, envelheceu, ficou embora triste, cansada, todos dias esperava só a hora da porrada [...]” (MELO, 2008, p. 148), também enunciada pela narradora, transparecem, no corpo e no espírito de sua mãe, as profundas marcas deixadas pela transição do espaço rural para o urbano. Dito de modo mais específico, além de sofrer agressões diárias do marido, a mulher, segundo depreendemos das palavras da filha, não mais demonstra alegria nem ânimo, não alimenta qualquer esperança no futuro e aparenta velhice. O trecho também reforça a fragmentação do núcleo familiar, uma vez que a mudança para a cidade institui o distanciamento entre mãe e filha, antes tratada, conforme suas próprias lembranças, com mais carinho por sua genitora. A escassez de afeto de mãe para filha é repetida em excertos que evidenciam a carência de “colo” desta última, a exemplo do que ocorre na passagem “[...] eu só queria correr, fugir outra vez, ir no colo da minha mãe, voltar na nossa casa do mato, mas a minha mãe me disse traz algum dinheiro pra gente comer [...]” (MELO, 2008, p. 149), e em segmento que destaca ato de certa forma similar ao da própria protagonista no momento em que atira ao lixo o feto antes em gestação:

[...] um feto é um ser humano, quem disse, estão chuchados logo de manhã ou quê, vão rezar por mim, obrigado mas deviam ter feito isso quando alguém me praguejou pra que esse feto aparecesse na minha barriga, felizmente já resolvi o problema, agora o feto está aí no lixo a ser filmado pela televisão [...] (MELO, 2008, p. 154).

Mãe e filha não se assemelham apenas no que diz respeito ao carinho esporádico, ou mes-

mo ausente, que dedicam a seus respectivos descendentes; elas também se aproximam enquanto vítimas da violência, de origem quase exclusivamente masculina, a que são sujeitas no espaço urbano. Enquanto a mãe da narradora sofre constantes agressões do marido, iniciadas após a fuga do mato, a filha é levada a se prostituir para pôr alimento em casa. Isso fica patente no seguinte excerto, que chama a atenção também por revelar que a ideia de vender o corpo para conseguir dinheiro, conforme já dissemos, parte da própria mãe da protagonista: "[...] filha é melhor você começar arrumar tua vida, de noite começa ir na cidade, arranja uns homens, traz algum dinheiro pra gente comer, é melhor, filha, é melhor [...]" (MELO, 2008, p. 148). A relação entre miséria e violência pode ser corroborada com este trecho, agora enunciado pela protagonista do conto e em referência a ela mesma e à mãe: "[...] estamos completamente sós e passamos fome quase todos os dias, o que eu não admito é que me chamem de comerciante do sexo, se eu estou nesta vida é porque preciso, só eu sei o meu sofrimento [...]" (MELO, 2008, p. 151). Não bastasse a necessidade da prostituição, a personagem, quando passa a vender o próprio corpo, era ainda menor de idade. Tendo, no momento da enunciação, quinze anos, ela sabe que é vítima de um crime desde os treze. Daí a expressão contundente de seus sentimentos em relação ao abuso a que é exposta e a crítica à desfaçatez masculina: "[...] os piores são os homens que gostavam das minhas chuchas embora que elas mal se vissem, eu tinha treze anos quando entrei nessa vida, sentia dor, sentia medo, mas eles diziam ai que chuchinhas, ai que chuchinhas, não tinham vergonha nem nada [...]" (MELO, 2008, p. 149). Esse tipo de violência reaparece em outros excertos da narrativa, como naquele em que a protagonista relata sua primeira experiência sexual, já na condição de prostituta, e relaciona-a a dor, abuso e sofrimento, sem deixar de fornecer fortes indícios das contradições, ou mesmo hipocrisias, da sociedade em que vive:

[...] o velho que me tinha acabado de me descabaçar, um italiano que estava cá a serviço

de uma organização que auxiliava as crianças abandonadas, olhos sombrios e bigode cínico, barriga ligeiramente avantajada e mãos cheias de pêlos, pôs-se a rir como um porco enquanto dizia *mama mia, mama mia, afinal és virgem, minina, afinal és virgem, ah Dio mio, Dio mio, grazie*, há muito tempo que eu queria comer uma *virgenzinha negrinha, grazie, Dio mio, cabrão, ou melhor, cabrões*, ele e o deus dele, tudo aquilo me assustava, a pontada que eu sentia dentro de mim, o sangue, o riso obsceno do italiano que me tirou o cabaço, nesse dia não voltei pra casa, dormi com uma amiga também puta como eu, na manhã seguinte quando cheguei em casa a minha mãe recebeu-me na porta e deu-me um abraço silencioso e forte, depois disse *filha tem aí um bocado de chá com pão, eu preferi ir dormir, fiquei três dias em casa sem ir na cidade, não queria mais ser puta [...]* (MELO, 2008, p. 150).

A violência de que a jovem angolana é vítima no espaço urbano também transcende sua sexualidade e corpo, conquanto possa reverberar, direta ou indiretamente, em ambos. O Estado, a Igreja, a imprensa e as organizações não governamentais construídos na cidade em "O feto" são duramente (contra-)atacados pela narradora, que os acusa, entre outras coisas, de indiferença. Tal acusação, percebida no próprio tom contundente da enunciação e no próprio vocabulário chulo por ela utilizado, pode ser lida com ainda mais clareza em alguns trechos do conto, principalmente nos que se apresentam a seu final. No que se refere à imprensa, a protagonista diz, expondo o descaso daquela em relação a uma parcela específica de seres humanos: "[...] o que é que a rádio e a televisão estão a fazer aqui se a morte de um feto não é notícia, sobretudo tratando-se de um feto angolano [...]" (MELO, 2008, p. 154). Em seguida, a narradora critica, de forma indireta, o governo angolano, que não tem garantido, segundo seu discurso indício, as mínimas condições de existência a quem vive no país: "[...] pois como está a vida em Angola é melhor morrer dentro da placenta do que sobreviver e ter de sofrer como eu e a minha mãe estamos a sofrer [...]" (MELO, 2008, p. 154). Mais adiante, o foco da protagonista são as organizações não governamentais, por ela observadas como instituições que defendem outros interesses – aparentemente ligados a Portugal, ex-metrópole de Angola – que não os publicamente apresentados: "[...] ONG's, o que é

isso, come-se, mas quem é que lhes chamou aqui, esses pulas não mudam mesmo, pensam que ainda continuam a mandar, ajuda, ora, ora, ajuda de quê, querem masé nos impor os seus hábitos e costumes, as suas fórmulas, os seus padrões [...]” (MELO, 2008, p. 155). A Igreja, já indiretamente criticada no último excerto reproduzido no parágrafo anterior, também se torna alvo da personagem, que, tendo em vista as más condições de vida em que ela e sua mãe se encontram, ironiza os desígnios supostamente positivos de Deus:

[...] Deus é que quer que eu seja puta, ouviram, que eu ande por aí a foder com todos os homens, brancos, pretos e mulatos, pois não posso deixar a minha mãe morrer de fome, como é que vocês não compreendem isso se estão a toda hora a dizer que Deus escreve direito por linhas tortas [...] (MELO, 2008, p. 154).

Com base na análise feita até aqui, podemos afirmar que a cidade é considerada pela narradora de “O feto”, em linhas gerais, como espaço de sofrimento. O desfalque familiar forçado, a intensa violência física e psicológica, a necessidade de se prostituir para sobreviver, a negligência estrutural verificada em instituições políticas, religiosas e sociais, o desamparo e a desesperança são elementos que marcam, no mencionado sentido, o espaço urbano construído no conto de João Melo. Tais fatores, já mostrados em níveis mais ou menos proeminentes ao longo deste exame, são mesmo sintetizados pela jovem angolana em alguns trechos. Em um deles, que reforça outros já apresentados, a personagem compara o sofrimento a que é sujeita na cidade junto à família com o desaparecimento e a morte e chega à conclusão de que estes dois últimos destinos são preferíveis à vida miserável e dolorosa experimentada no espaço urbano. Em suas palavras,

[...] às vezes penso era melhor se nos tivéssemos perdido, morrido, desaparecido como os meus irmãos, como a nossa casa que lhe queimaram na guerra, desaparecer é pior do que morrer mas é melhor mesmo que estar a sofrer como estamos a sofrer agora [...] (MELO, 2008, p. 148).

Esse tipo de comparação permite-nos, inclusive, reler, talvez com mais propriedade, o terrível enfeitamento do feto. Ao abortar, a narradora, em vez de matá-lo por matar, conforme nos pode parecer à primeira vista, teria, na verdade, tentado isentá-lo da existência sofrida na cidade, pois voltar para o mato, a despeito de seu desejo, não é uma alternativa que faz parte de seu horizonte. Um dos excertos já reproduzidos, em outra circunstância, neste trabalho indicia a ideia de proteção da mãe para com o futuro filho, por mais que tal ideia nos seja inaceitável do ponto de vista humano: “[...] pois como está a vida em Angola é melhor morrer dentro da placenta do que sobreviver e ter de sofrer como eu e a minha mãe estamos a sofrer [...]” (MELO, 2008, p. 154).<sup>5</sup> Essa ideia já havia sido indiciada quando a protagonista, depois de sofrer abuso sexual pela primeira vez, afirma “[...] uma enorme vontade de morrer, ou então matar a minha mãe, acabar com o sofrimento dela e também com o meu, deixar o meu pai afogar-se completamente no caporoto, ser comido lentamente pela saudade da nossa casa do mato [...]” (MELO, 2008, p. 149-150).

Obedecendo ao recorte analítico proposto neste artigo, ressaltamos agora a construção do mato nos modos de ver e dizer da narradora. De forma geral, o campo pode ser percebido pelos leitores e leitoras a partir de suas contraposições em relação à urbe, como já mostrado nos excertos que contêm a preposição “desde”. Em uma fórmula genérica, o que o espaço urbano é, o espaço rural não é, e vice-versa. Isso também é válido para trechos em que a tensão entre ambos os lugares é marcada de maneira diferente, como, por exemplo, pelo uso de verbos como “correr”, “fugir”, “ir” e “voltar”, que pressupõem movimento em direção a um local diferente daquele onde se está no tempo da enunciação. A passagem que contém esses verbos, também já reproduzida neste trabalho, evidencia o caráter atraente, maternal e afetivo

<sup>5</sup> Neste ponto, nossa leitura vai de encontro à de Tórres (2018, p. 747): “A morte do feto abortado pela personagem protagonista representa a consumação de seu desejo de vingança em relação a todos os homens brancos colonizadores que, por muito tempo, massacraram a nação angolana, tirando-lhe a paz e destruindo sua identidade”. Por outro lado, acha respaldo na de Teixeira Porto (2014, p. 7): “Esse sofrimento e repúdio ao que vive são a motivação para o aborto, pois a menina não quer que mais um sujeito tenha uma vida tão ordinária, dolorosa e infeliz quanto a dela, prefere então a morte a ter de dar à luz uma criança que poderá repetir a sua sina”.



do mato, para onde a protagonista, apesar da impossibilidade de retorno, quer sobremaneira voltar, abandonando a cidade: "[...] eu só queria correr, fugir outra vez, ir no colo da minha mãe, voltar na nossa casa no mato [...]" (MELO, 2008, p. 149). A correspondência entre a casa do mato e o colo materno, com o sentido de aconchego, proteção e afeto, também pode ser notada nas últimas orações do conto, nas quais se inclui, ao lado do mato e do colo e com os mesmos significados, a placenta, elemento que Pellegrino (1987, p. 318) considera como símbolo do "[...] fantasma da vida intra-uterina [...]". Nas palavras da personagem principal da narrativa, dirigidas, desta vez, à própria mãe, "[...] eu só quero paz, quero sentar-me no teu colo e adormecer como antigamente quando estávamos no mato antes da guerra chegar, quero sossego e tranquilidade, quero regressar de novo para o interior da tua placenta, mãe" (MELO, 2008, p. 155).

No entanto, salientamos, ainda, outro excerto de "O feto", o qual revela alguns dos efeitos da destruição da casa do mato durante os conflitos internos de Angola, como a supressão de aspectos que caracterizavam positivamente os membros da família da narradora e a impossibilidade de um futuro minimamente razoável. Como diz a protagonista, "[...] também o que querem que eu faça se a minha casa do mato lhe incendiaram na guerra, o fogo destruiu tudo, a memória do meu pai, a coragem da minha mãe, os meus sonhos e o meu destino [...]" (MELO, 2008, p. 151). Nesse trecho, fica claro que o mato não é um espaço constituído apenas de benesses, como amor e segurança; é também um espaço marcado por dificuldades, que não se distanciam completamente das encontradas na cidade. Por isso, a fórmula citada no parágrafo anterior, a qual opõe rigorosamente o campo e a urbe, precisa ser relativizada, e o mato deve ser entendido como espaço de guerra, destruição e princípio de desagregação da família, apesar de a personagem principal do conto evocá-lo não raramente de forma positiva e, muitas vezes, em oposição à cidade, tida como espaço de sofrimento nesta análise. Assim, enquanto, para a narra-

dora, a cidade tem um valor que beira o negativo absoluto, ou mesmo se confunde com ele, como mostra, entre outros elementos, a urgência da protagonista em fugir dali, o mato é constituído, no mesmo tecido discursivo da personagem, por paradoxos, sendo, ao mesmo tempo, espaço de paz e destruição, de sossego e fuga, de coesão e corrosão familiares.

### 3 O subúrbio e a zona sul cariocas em "Monólogo de Tuquinha Batista", de Aníbal Machado

Em "Monólogo de Tuquinha Batista", de Aníbal Machado, uma jovem do subúrbio do Rio de Janeiro, narradora do conto, recusa repetidamente a ideia de mudar-se dali para a zona sul da cidade, onde sua irmã, Raimunda, mora e trabalha. Tuquinha Batista, ou T. B., como é conhecida na região em que vive, pondera consigo mesma sobre os prós e contras de uma possível transferência para Copacabana, que lançou ao estrelato Mundinha, ali chamada de Betsy, e que provê a esta uma vida aparentemente agradável e excitante. Apesar do destaque ligado a esta área da cidade, a qual não deixa de exercer algum fascínio sobre a personagem, Tuquinha afirma sentir-se confortável no subúrbio, considera-se cercada de admiradores e projeta ser a mais bem-sucedida participante de um baile que acontecerá um mês após o tempo da enunciação. Além disso, Tuquinha desconfia das intenções dos homens que tentam convencê-la a se mudar para a zona sul, sobretudo o denominado "fala-macio", pois, em seu modo de ver, eles se interessam apenas, e excessivamente, por seu corpo. Para endossar as razões da recusa da mudança para Copacabana, a protagonista convoca a moral religiosa, mostra respeito pelo decoro da tia Milu, com quem mora, e sonha com seu suposto futuro noivo, entrevisto e anunciado em uma bola de cristal. O tom de negação de T. B. procura ser firme, mas acaba deslizando em alguns momentos, apenas parecendo revelar uma jovem decidida a manter-se na periferia, longe dos holofotes da zona sul – o que, em certa

medida, já põe em dúvida a hipótese de leitura que orienta este trabalho.<sup>6</sup>

Para a análise proposta, salientamos excertos do "Monólogo..." em que se contraponham o subúrbio e a zona sul do Rio de Janeiro. Consideramos que, assim como ocorre em "O feto", de João Melo, tal tensão tem alcance abrangente, capaz de integrar subespaços do conto à luz de si própria, e, por isso mesmo, constitui uma possível entrada de leitura da narrativa. Uma das passagens que mostram o referido conflito espacial dá-se a ver logo na abertura da produção. Antes de apresentá-la textualmente, porém, chamamos a atenção, desde já, para alguns dos elementos que a compõem e que se repetem, em menor ou maior grau, ao longo do "Monólogo...", pois privilegiá-los pode colaborar para um exame mais acurado do texto. Tais elementos podem ser assim resumidos: a curiosa ênfase de Tuquinha ao recusar um hipotético convite da irmã para transferir-se para a zona sul; a reiteração, também interessante, do advérbio "não" para reforçar essa recusa; e a quase total ausência de pontuação gráfica, a qual empresta ao conto, do ponto de vista discursivo, um aspecto corrente e fugidio, potencializando o estranhamento em sua leitura e exigindo dos leitores e leitoras ainda mais cautela para apreenderem a construção mais ampla da narrativa:

"Não Mundinha pra Zona Sul eu não vou já disse que não vou pra lá não Betsy que não quero me perder e cá no meu subúrbio eu sou Tuquinha Tuquinha Batista T. B. meu nome em toda parte eu quase choro agradecida T. B. nos muros T. B. no tronco das árvores no mamoeiro da porta da igreja como largar minha gente ficar longe das letras de meu nome não Mundinha não me tentes mais [...]" (MACHADO, 1973, p. 106).

Além dos elementos previamente mencionados e sujeitos a serem encontrados em outras partes do "Monólogo...", identificamos, nesse mesmo trecho, a produção do choque espacial entre o subúrbio e a zona sul cariocas a partir de outros índices textuais. Por exemplo, Tuquinha,

ao se dirigir à irmã, refere-se a ambas as regiões por meio de sintagmas nominais logicamente distintos, como "meu subúrbio" e "Zona Sul", ou, simplesmente, de advérbios de lugar também diferentes, como "cá" e "lá". A propósito, as duas últimas formas citadas evidenciam que a narradora se acha no subúrbio no tempo de sua enunciação, inscrevendo sua posição espacial no referido momento, e que, conquanto projete Raimunda – que se encontra na zona sul – como enunciatária de seu discurso, conversa consigo mesma, pois diz "lá" em vez de "ai". Nesse sentido, a presença e a repetição desse advérbio endossam o caráter de monólogo do conto, já indiciado no título do texto e relevante para realçar o alto grau de subjetividade investido na enunciação da protagonista, e nos fazem pensar, por consequência, se a personagem efetivamente recebeu convite da irmã para se mudar para Copacabana, ou se está apenas testando consigo mesma a possibilidade, mesmo que remota, de ir para lá. Antes de tratar mais detalhadamente destes últimos aspectos, ressaltamos ainda, tendo em vista as palavras da própria narradora, que seu nome e suas iniciais, gravados por todo "meu subúrbio" e entre "minha gente", atestam que ela goza de algum prestígio na região onde vive, em contraste com a zona sul, na qual não é conhecida na mesma proporção. Os pronomes possessivos "meu" e "minha" – que denotam, nesse caso específico, afeição e proximidade – sugerem que o reconhecimento é recíproco e que Tuquinha valoriza deveras seu *status* na periferia e sua própria comunidade, ao contrário do que sucede em sua relação com a zona sul, marcada pela impessoalidade – não há, no sintagma nominal "Zona Sul", qualquer traço significativo que torne a personagem particularmente íntima da região – e pela insistente negação de se fixar ali.

Contudo, também percebemos que Tuquinha, além de rechaçar reiteradamente a ida para a zona sul, justifica sua recusa com o receio de transgredir algum preceito moral ou religioso, cuja

<sup>6</sup> Os deslizos do discurso de Tuquinha Batista, que a mantém, por quase todo o conto, dividida entre permanecer no subúrbio e transferir-se para a zona sul, também são percebidos por Diogo e Scarpelli (2011). Entendimento próximo é o de Vale (2011, p. 156), que ressaltava a "linguagem ambígua" de T. B.

presença também ressoará em todo o "Monólogo...": "não quero me perder", "não me tentes mais". Esta última oração, principalmente, reforça a desconfiança, mencionada no primeiro parágrafo desta seção, de uma oposição absoluta entre as duas regiões aqui comparadas. Se T. B. pede para a irmã parar de "tentá-la", em tom que pode ser interpretado como de súplica, e não apenas de decisão, é porque a vida que Raimunda leva em Copacabana a seduz em alguma medida. Além disso, é estranho a narradora negar tantas vezes, logo no início do conto, a ida para a zona sul, se ela efetivamente não tem qualquer intenção de mudar de endereço e trabalhar no referido lugar. Ao que parece, a personagem deseja, sim, em algum grau, ir para Copacabana, mas, por algum motivo – que procuraremos detectar mais adiante –, prefere permanecer onde está. Se esse desejo faz sentido, Tuquinha, ao demonizar a zona sul, acaba sendo traída por suas próprias palavras, deixando escapar, como que sem querer, o deslumbramento, mais ou menos intenso, que aquela região lhe provoca. Assim, somos levados a desconfiar de todo o discurso de T. B., tanto a respeito da zona sul, conforme começamos a demonstrar, como acerca do próprio subúrbio, de acordo com o que tentaremos apresentar, inicialmente, no próximo parágrafo.<sup>7</sup>

Vale discutir, por exemplo, se Tuquinha é realmente feliz onde vive, como ela tenta convencer a si mesma e – enquanto construção literária, forjada pelo autor – aos leitores e leitoras do "Monólogo...". É verdade que, em vários trechos do conto, a narradora não hesita em se gabar da adoração que desperta nos homens da periferia e da alegria que sente ali, a ponto de a menor coisa causar-lhe satisfação: "[...] aqui sou a T. B. pra todo mundo a Tuquinha dos rapazes e até do barulho dos trens eu gosto [...]" (MACHADO, 1973, p. 107). O subúrbio é também – em oposição a Copacabana – o lugar onde o sonho amoroso,

desejo expresso com todas as letras pela protagonista, pode, segundo ela, tornar-se realidade: "[...] pra Zona Sul / nem morta eles me levam / nuncaras o que eu quero é amar amar de verdade mas muito muito mesmo [...]" (MACHADO, 1973, p. 112, grifo do autor). Outros excertos, todavia, contradizem enfaticamente a satisfação afirmada pela personagem, ao revelarem a carência, o tédio e mesmo a possibilidade de desespero que ela experimenta e/ou vislumbra no subúrbio. Citamos dois, que também interessam por resignificarem o substantivo "trem", associando-o, agora, à tristeza e à morte: "[...] hoje Tuquinha não está boa carece de um consolo eu ligo o rádio e cadê a voz de Ângela Maria só minha tia rezando e os trens passando tudo tão triste [...]" (MACHADO, 1973, p. 109-110) e "[...] vou me ficando por aqui mesmo perto dos meus canteiros e do mamoeiro ouvindo o barulho desses trens que um dia me acabarei debaixo de um se Deus me abandonar e esta vida não prestar mais [...]" (MACHADO, 1973, p. 108). Curiosamente, o último segmento citado continua assim: "[...] pois você não vê Raimunda que é impossível tinha até graça Tuquinha de vedete [...]" (MACHADO, 1973, p. 108), o que permite supor, a partir da ambiguidade da passagem, que o desespero projetado por T. B. provém, talvez, do próprio fato de ela considerar "impossível" mudar-se para a zona sul, contrariando um desejo impronunciável. A própria possibilidade de idílio no subúrbio também é posta em questão por Tuquinha, pois, não obstante deixe entrever a atração provocada por seu hipotético futuro noivo ou, mais ainda, por um rapaz que encontrou certa vez no transporte coletivo, ela já desconfia de sua honestidade e o(s) compara a "fala-macio":

"[...] estou quase noiva isto é não estou mas meu noivo vem vindo já apareceu na bola de cristal a cartomante disse que por enquanto ele aparece só pra ela todo dourado nadando num fundo azul e que é parecido com Clark Gable mas eu queria que ele parecesse com aquele que viajou no pingente uma vez na

<sup>7</sup> Em sua interpretação do "Monólogo...", Coelho (2010) também reconhece as tensões marcadas no discurso da narradora. A estudiosa, porém, parte do pressuposto da existência de conflitos entre a tradição e a modernidade, chegando a resultados relativamente diversos dos encontrados nesta pesquisa. Segundo ela, tais choques estão ligados, no âmbito sócio-histórico, à época em que o conto é concebido, o que a faz observar a protagonista como resistência à influência estadunidense, que investia fortemente no Brasil no período, e, no domínio literário, ao próprio fazer artístico de Anibal Machado, por ela denominado de "[...] estética do meio-termo", em razão da "[...] visão de mundo conciliatória do autor [...]" (COELHO, 2010, p. 80). Parte significativa dessa perspectiva é endossada por Diogo e Scarpelli (2011).

véspera do Ano-Bom ele me olhava de fora pela vidraça e o trem dava cada solavanco e ele se equilibrava a cara bonita atrás rindo tentando a gente rindo e cantando parecia até um demônio eu de repente fiquei apaixonada e até hoje quando vejo vidraça olha aquele lindo me tentando querendo se apossar da gente nunca mais que apareceu só a lembrança do rosto dele sorrindo sempre vai ver é um pilantra feito aquele 'fala-macio' que levou Raimunda para Copacabana [...]” (MACHADO, 1973, p. 106).

Se o discurso de Tuquinha é, como tentamos demonstrar, carregado de contradições e incertezas, seus modos de ver o subúrbio e a zona sul cariocas e de se reportar a eles não podem, de fato, ser compreendidos como estanques, separando rigorosamente tais espaços. A fluidez entre ambas as regiões, aliás, pode ser reforçada com a comparação de outros trechos do “Monólogo...”, respeitantes ao corpo feminino e ao desejo masculino. Alguns deles parecem se contradizer, ou, pelo menos, são enunciados em tons diferentes pela narradora. Quando T. B. se refere aos rapazes do subúrbio que a acompanham em direção a uma festividade, ela se mostra empolgada ao relatar para si mesma a situação: “[...] tem alguns que querem me apertar me abraçar eu quase deixo depois eu entro correndo tiro a roupa pra dormir e eles ficam na esquina cantando abre a janela formosa mulher e eu durmo gostoso que nenhum trem me acorda mais do sonho [...]” (MACHADO, 1973, p. 107). É como se a protagonista, na verdade, brincasse e gostasse de provocar desejos nos moços da vizinhança, não obstante a sisudez e o pudor identificáveis em passagens anteriormente reproduzidas. Não é à toa, nesse mesmo sentido, que Tuquinha deseja ser a rainha do baile no subúrbio, marcado para dali a pouco mais de um mês e capaz de torná-la ainda mais visível aos olhares de tais rapazes: “[...] tou pensando num [vestido] que vai ficar uma beleza no caso de eu sair eleita [...] eu fico tão aflita faltam apenas trinta e poucos dias e o desfile vai ser esplendoroso [...]” (MACHADO, 1973, p. 110-111). A primeira passagem citada neste parágrafo revela ainda que os homens do subúrbio, mesmo que respeitosos, desejam, sim, contato com o corpo

de T. B., assim como os da zona sul o fazem. Mas, relativamente a estes, mais carnis em seu entendimento, a narradora, em outro excerto, expressa-se em um tom distante da empolgação e mesmo próximo ao desprezo, como se as intenções dos indivíduos de Copacabana, curiosamente generalizados como “homens” ao final da citação, fossem menos agradáveis e louváveis:

[...] ah eu sei o que eles querem eu sei o que está valendo praqueles lados os meus pés eu lá não ponho mais quando menos se espera a desinfeliz tá dentro de um carro que é uma beleza de carro subindo pra Tijuca com música no rádio e uma porção de mãos agarrando agarrando a gente o que eles querem é só pegar pegar no começo até que a gente gosta depois dá uma raiva uma aflição tenho até nojo dos homens [...]” (MACHADO, 1973, p. 108).<sup>8</sup>

Embora não deixe de evidenciar o prazer de Tuquinha em atizar o desejo masculino – o que fere seu pejo e gravidade – nem de esconder a objetificação do corpo feminino na periferia – o que vai de encontro à perspectiva mais sacralizada que ela tem sobre os sujeitos que ali vivem –, o uso de tons diferentes pela narradora efetivamente pretende distinguir, de seu ponto de vista, entre os homens do subúrbio e os da zona sul cariocas. Por causa mesmo dessa pretensão, que também pode materializar-se em uma real diferenciação, como no caso que passamos a desenvolver brevemente, é difícil e mesmo precipitado ignorar a existência de uma relação mais intensa da objetificação do corpo feminino com a zona sul tal como construída no “Monólogo...”. Tal relação pode ser percebida em vários trechos do conto, a exemplo do seguinte, que privilegia partes do corpo da mulher construídas como altamente valorizadas naquela região, como as pernas, as coxas e o busto:

[...] os gaviões avançando querendo arrastar T. B. para a barra da Tijuca e o empresário chegando logo com a fita métrica no peito nas coxas pra tomar as medidas [...] chegam os fotógrafos da cidade querem que a gente vá logo mostrando as pernas depois telefonam fazendo propostas indecentes não é à toa que estão dizendo que tudo agora no mundo é perna só perna [...]” (MACHADO, 1973, p. 108-109).

<sup>8</sup> Até aqui, estamos de pleno acordo, no que tange à presença da objetificação do corpo feminino tanto no subúrbio como na zona sul, com a leitura de Diogo e Scarpelli (2011).

A possibilidade de vender o corpo – rejeitada por Tuquinha – e a suposta prostituição de Raimunda, ambas na zona sul, também se patenteiam na narrativa. No primeiro caso, citamos a próxima passagem:

[...] meu busto que é o que eu tenho de mais bonito como já disse aquele sonso do 'fala-macio' que Deus te livre e eu nem quero pensar nele mais pois não sou serelepe feito a Betsy que graças a Deus tenho consciência e sou de boa formação o meu corpo eu não vendo nem pro Ali-Khan [...]" (MACHADO, 1973, p. 111).

No segundo, reproduzimos este segmento: "[...] não que eu faça questão de ser rainha no começo eu queria só pra fazer raiva à Guitinha que quis tomar meu namorado e andou dizendo que eu era irmã de uma prostituta [...]" (MACHADO, 1973, p. 109). A exploração da imagem feminina na televisão, verificável no excerto "[...] você passou de mão em mão, mudou até de nome antes era Raimunda na água benta do vigário Mundinha pra nós e agora Betsy na televisão Betsy com *ipicilone* meu Deus e aquelas pernas e os peitos todos se mostrando [...]" (MACHADO, 1973, p. 106, grifo do autor), e em revistas, presente na passagem "[...] lá só querem saber é do corpo mesmo quero só ver o dia que Deus castigar e o teu corpo envelhecer ninguém mais vai ler esse nome nas revistas [...]" (MACHADO, 1973, p. 109), é outra forma de objetificação do corpo da mulher. A partir desses trechos rapidamente mencionados, entendemos que a zona sul, em comparação com o subúrbio, é definida, nos modos de ver e dizer de Tuquinha, como espaço por excelência de objetificação da mulher. Considerando todo o conto, porém, arriscamos dizer que a fluidez entre o subúrbio e a zona sul cariocas caracteriza melhor tais espaços, pois a narradora – cujo discurso é ele mesmo instável e contraditório – trata a zona sul com desprezo, mas se sente, de algum modo, atraída pela região, e sublinha o que é positivo no subúrbio, sem deixar de enunciar, de maneira mais ou menos consciente, suas insuficiências.

### Considerações finais

A partir do exame dos contos "O feto", do autor angolano João Melo, e "Monólogo de Tuquinha

Batista", do autor brasileiro Aníbal Machado, consideramos que a hipótese de leitura que norteia esta pesquisa não se confirma inteiramente. Por um lado – e nisto nossa suposição interpretativa se mostra correta –, as narradoras dos respectivos textos literários efetivamente distinguem, de sua focalização, ponto de vista ou perspectiva, entre os espaços analiticamente privilegiados neste artigo. Em outras palavras, a protagonista de "O feto" não concebe o mato e a cidade em Angola como espaços idênticos, e sua correspondente em "Monólogo de Tuquinha Batista" não observa o subúrbio e a zona sul de Rio de Janeiro como espaços iguais, e as diferenças entre tais espaços podem ser, até certo ponto e em alguns aspectos, bastante pronunciadas. Na narrativa de João Melo, considerada sob um ângulo totalizante, a narradora vê e experimenta a cidade angolana como espaço de sofrimento, devido aos diversos problemas que tem de enfrentar nele no momento da enunciação, como a miséria, a violência e a falta de expectativas auspiciosas, ao passo que visualiza, por meio da memória, o mato naquele país como espaço de bem-estar, em razão de sua vivência pregressa nele, de sentido positivo, e da aparente inexistência de desafios como os que ela passa a encarar na região urbana. Na narrativa de Aníbal Machado, também considerada sob um viés amplo, a narradora observa e vive o subúrbio como espaço de satisfação, na medida em que, no tempo da enunciação, diz-se feliz ali, projetando mesmo estender tal contentamento a seu futuro, em aberto e favorável, na condição de mulher casada com o homem de seus sonhos, enquanto trata a zona sul, com base no que sabe sobre Copacabana, como espaço de perdição, dadas a suposta ausência de limites para situações ligadas ao desejo e à sensualidade e a consequente transgressão da moral religiosa, que participa fortemente de sua forma de pensar.

Por outro lado – e nisto nossa hipótese se prova infundada –, as narradoras dos contos não têm como diametralmente opostos os membros de cada par de espaços a que se referem ou aludem. Na verdade, em alguns pontos, o mato e a cidade angolanos, em "O feto", e o subúrbio e a zona sul cariocas, em "Monólogo de Tuquinha Batista",

podem se aproximar, e em níveis consideráveis. Na narrativa de João Melo, a protagonista, embora consiga estabelecer significativo distanciamento entre as zonas rural e urbana de Angola, permite aos leitores e leitoras notarem que a primeira, configurada em um sentido altamente positivo, não é, entretanto, absolutamente isenta de problemas. Apesar de não se associar diretamente, por exemplo, à prostituição, questão de enorme importância no texto, nem a suas nefastas implicações, como o abuso sexual, o mato pode ser encarado como espaço de guerra, de destruição do lar primitivo e de desintegração familiar, tendo servido de palco para situações também extremamente nocivas à personagem e a seus entes queridos. Assim, se o campo também não escapa de características negativas, a situação política e social de Angola como um todo parece tornar-se alvo de críticas do próprio autor, que articula situações delicadas tanto ali como na urbe.<sup>9</sup> Na narrativa de Aníbal Machado, a protagonista, conquanto pretenda traçar uma linha que separe o subúrbio e a zona sul do Rio de Janeiro, concede a seus leitores e leitoras pistas de que o espaço periférico não é tão satisfatório como ela acredita e quer nos fazer acreditar e que o espaço "central" não é tão dispensável como ela entende ou intenta nos fazer entender. Não obstante procure diferenciar rigorosamente entre tais espaços, o discurso da personagem é marcado por contradições e incertezas, que minam sua credibilidade – ante si mesma e o público que passa a conhecer seus pensamentos – quanto à percepção que ela tem sobre o subúrbio e a zona sul cariocas, e as regiões entre as quais se vê em algum nível dividida terminam por adquirir traços fluidos, não necessariamente determina-

dos a um lugar específico. Desse modo, o lugar onde ela vive e o lugar onde ela rechaça viver são marcados pela falta, por disporem, ainda que em graus diversos, tanto de pontos positivos como de pontos negativos, o que torna relativamente complicada qualquer solução.

Além dos contatos que o mato e a cidade angolanos, em "O feto", e o subúrbio e a zona sul cariocas, em "Monólogo de Tuquinha Batista", estabelecem, em cada caso, entre si, ressaltamos que os espaços urbanos, tal como construídos nos contos, também se aproximam, já que são percebidos mais intensamente pelas narradoras como espaços que encerram algum tipo de ameaça ou perigo. Tal aproximação pode ser demonstrada, sobretudo, com a consideração do problema da objetificação do corpo feminino, problema que talvez consista, do ponto de vista temático, na principal conexão entre as duas narrativas. No texto de João Melo, a referida questão inexistente no espaço rural, onde vivia a protagonista; é na cidade que ela se materializa, e de forma extremamente traumática e contundente, como perigo real e, ao que tudo indica, duradouro na existência da personagem, que se vê obrigada a se prostituir para garantir sua sobrevivência e a dos membros restantes de sua família. É por isso mesmo, ao que parece, que a cidade é tida em tão baixa conta pela jovem, a ponto mesmo de dar a impressão de se afastar completamente do mato, e que os enunciados que a configuram se articulam crua e agressivamente, com uma pletora de palavras obscenas, e se voltam principalmente para fora de quem a manifesta,<sup>10</sup> realçando no conto um fortíssimo caráter de denúncia.<sup>11</sup> Aqui, aliás, é útil salientar, de novo, que a narradora se encontra na cidade no tempo da enunciação. Tal

<sup>9</sup> Os aspectos de "crítica" e "denúncia" em "O feto" enquanto elementos indiciadores da visão do próprio João Melo sobre Angola também são identificados por Mantolvani (2007), que os vincula, mais especificamente, às transformações de ordem social e econômica ocorridas no país. Por sua vez, Tôres (2018) realçará os elementos de "crítica" e "denúncia" em "O feto", em específico, e nas literaturas africanas, em geral, como resultado de uma visão negativa que têm João Melo e outros autores em relação à dominação europeia e a seus efeitos.

<sup>10</sup> Ao tecer suas conclusões a partir da análise de "O feto" e "Tio, mi dá só cem", outro conto de João Melo presente em *Filhos da pátria*, Teixeira Porto (2014, p. 12, grifo nosso) demonstra percepção semelhante ao caracterizar, mais especificamente, a narração empregada nos textos, com o uso de um termo que vem bastante a propósito: "A forma de narrar, como se os personagens estivessem *regurgitando* suas vidas, acena para a expressão de restos e sobras de vida que se acostumaram ao caos, à violência e à dor". Outro diálogo possível, nesse sentido, é com a leitura de Totoli (2012, p. 267, grifo nosso) sobre as mesmas narrativas: "Os dois contos se mostram *gritos roucos* por uma ajuda ou uma certa compreensão em uma situação completamente sem saída. Nem ao menos o narrador-autor está presente para com eles dialogar, a interlocução é feita diretamente com o leitor. Não há nada que fazer, somente ouvir".

<sup>11</sup> Para Mantolvani (2007), esse tipo de linguajar, empregado também por outros personagens construídos em *Filhos da pátria*, tem ainda a função de reforçar sua associação com o próprio mundo periférico, ao qual a narradora de "O feto" efetivamente pertence.

presença reforça o aspecto realista da narrativa e a própria credibilidade de suas críticas, que alcançam, entre outros alvos, participantes do mesmo espaço, o sensacionalismo da imprensa, que explora midiaticamente a situação terrível em que a protagonista se encontra, e os limites da doutrina religiosa, que defende irrestritamente a vida, sem considerar as condições concretas em que ela pode efetivamente prosperar – elementos presentes, de outras maneiras, também em “Monólogo de Tuquinha Batista”.

Já no texto de Aníbal Machado, a objetificação do corpo feminino se manifesta tanto no subúrbio, onde a protagonista vive, como na zona sul, para onde ela diz não querer se mudar. Sua personagem principal, todavia, atribui ao espaço “central” um grau mais alto de interesse em coisificar a mulher. Isso pode ser comprovado, por exemplo, com as repetidas menções a determinadas partes do corpo feminino, como as pernas e o busto, construídas como objetos de intenso desejo na zona sul, e com a ostensiva e numerosa presença de suportes e gêneros midiáticos, como o cinema, a televisão, a revista e a fotografia, investidos da tarefa de registrar e fazer circular, em grande quantidade, para um vasto público e na condição de entretenimento, imagens do corpo feminino. No espaço periférico, praticamente inexistem elementos de tal ordem, a não ser o baile local que a narradora deseja vencer se valendo de seus atributos visíveis e que, no entanto, ela própria relativiza ou mesmo sublima, uma vez que não o trata tão negativamente como o faz com os meios de coisificação estreitamente vinculados à zona sul. A propósito, a desmedida de tal coisificação é, talvez, junto às injunções de natureza moral e religiosa, o principal motivo indiciado pela narradora para rejeitar a mudança para Copacabana e, por conseguinte, decidir-se pela permanência no subúrbio. Tais razões podem se somar, ainda, às próprias condições financeiras da protagonista e às expectativas que ela alimenta sobre o futuro. Diferentemente da personagem principal de “O feto”, ela não precisa, do ponto de vista da sobrevivência, submeter-se a qualquer forma de prostituição, nem mesmo a sublimada pela mídia

na zona sul; nem termina por manifestar, em seus pensamentos, ódio ilimitado contra o espaço “central”, que aparece como alternativa de existência, sobre a qual ela pode refletir e conjeturar consigo mesma, podendo vir a rejeitá-la sem grandes prejuízos, e não como obrigação, pelo que seu discurso poderia talvez, como acontece no conto de João Melo, adquirir um tom mais violento e constituir uma crítica mais direta e contundente à zona sul; nem foi privada de um destino mais palatável, pois, mesmo desconfiando do caráter moral de seu suposto noivo, ainda pode esperar por situações positivamente significativas, em seu modo de ver, no plano amoroso.

Para finalizar o trabalho, recuperamos alguns dos recursos linguísticos significativos que João Melo e Aníbal Machado utilizam, respectivamente, em “O feto” e “Monólogo de Tuquinha Batista”, encontrados no exame dos espaços configurados nos contos. Na narrativa do autor angolano, tais recursos estão, muitas vezes, fortemente ligados à temporalidade nela construída. Nesse sentido, chamamos a atenção para o emprego de alguns verbos, como “voltar”; certos advérbios e locuções adverbiais, como “antigamente” e “outra vez”; determinadas preposições, sobretudo “desde”; e substantivos específicos, como “placenta”. Tais estratégias indiciam que, para se refletir sobre a construção do mato e da cidade angolanos no texto de João Melo, é preciso se considerar, simultaneamente, o jogo temporal estabelecido nele, que se articula tanto no tempo da enunciação, ancorado ao espaço urbano, como em um momento que lhe é anterior, vinculado ao espaço rural. Em sentido semelhante, destacamos a forma do mato enquanto bastante próxima a uma elipse, especialmente quando comparada com a elaboração lexicalmente “gritante” da cidade. Essa forma se mostra pertinente na medida em que, tornando o campo praticamente apagado no conto, diz da quase irrecuperabilidade do passado da e pela narradora, dado que a casa onde ela vivia com a família naquele lugar não existe mais, tendo sido destruída pelos efeitos da guerra, e que só pode ser reacessada por sua memória, que se esforça por manter, enquanto

sofre na urbe, o que sobrou de positivo das vivências da personagem naquele período. Algo similar acontece com a composição do futuro, que carece de conteúdos específicos em razão de sua própria impossibilidade. Para além do aspecto temporal, destacamos, ainda, a não utilização de nomes próprios para a narradora e para os espaços focalizados nesta análise, escolha que os tipifica e lhes dá um alcance mais amplo, além de ressaltar, no primeiro caso, a desumanização da protagonista, especialmente quando comparada a Tuquinha Batista, que tem nome e apelido e, como vimos, não é rebaixada, do ponto de vista humano, na mesma intensidade.

Já na narrativa do autor brasileiro, os recursos linguísticos têm, em geral, o papel de propiciar e acentuar as ambiguidades do conto. Nesse sentido, várias estratégias podem ser enumeradas. Uma delas é o emprego reiterado de advérbios de sentido negativo, sobretudo "não", cuja frequência no texto faz desconfiar da segurança e certeza de Tuquinha ao negar expressamente a possibilidade de se mudar para a zona sul do Rio de Janeiro. Outro advérbio que nos chama a atenção é "hoje", que define e reforça a atualidade da enunciação, conferindo a esta um caráter possivelmente transitório. Outro recurso é a ressignificação ou polissemia de certas palavras, pertencentes sobretudo à classe dos substantivos e moduladas, quando repetidas, com tons bastante distintos – se não opostos – pela narradora: "trem", que assume, para ela, os sentidos conflitantes de felicidade e de tristeza; "homens", que generaliza o específico, podendo se referir tanto àqueles da zona sul, explicitamente mencionados pela protagonista, como aos do subúrbio, que se encaixam indiretamente em tal categoria; e "sonho", definido gramaticalmente pelo artigo "o", mas semanticamente indefinido no contexto em que é utilizado pela personagem. Ainda em termos semânticos, vale citar o duplo de sentido que alguns vocábulos e locuções parecem adquirir, sugerindo conotações de ordem sexual, como o próprio "trem", "aqui sou T. B. pra todo mundo a Tuquinha dos rapazes", "esta vida" e "abre a janela formosa mulher", e endossando, talvez, a atração que a narradora sente por

aquilo que ela mesma condena. Outro emprego linguístico, provavelmente o mais disseminado e característico do conto, é a exclusão quase total de pontuação gráfica, especialmente a vírgula, que não aparece sequer uma vez na narrativa, garantindo, do ponto de vista da arquitetura mais ampla do texto, a fluidez que marca o discurso de T. B. Esses elementos, ou sua ausência, ao lançarem dúvidas sobre a credibilidade do que diz Tuquinha, põem em xeque, por conseguinte e em termos mais específicos, a perspectiva que ela tem acerca do subúrbio e da zona sul cariocas, os quais terminam por adquirir, também, atributos fluidos.

## Referências

- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BRANDÃO, L. A. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Belo Horizonte: Perspectiva; FAPEMIG, 2013. (Estudos, 314).
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, 58).
- COELHO, M. A. *Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Anibal Machado*. 2009. 238 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-30042010-111317/pt-br.php>. Acesso em: 27 maio 2021.
- COSTA LIMA, L. A análise sociológica da literatura. In: COSTA LIMA, L. (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2. p. 659-687.
- DIOGO, S. M. F.; SCARPELLI, M. F. Do sonho ao chão: análise das narrativas "Monólogo de Tuquinha Batista" e "O telegrama de Ataxerxes" de Anibal Machado. *Recorte*, Três Corações, v. 8, n. 2, p. 1-14, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/324>. Acesso em: 27 maio 2021.
- ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. et al. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.
- LACERDA, A. M. de A. *O espaço ficcional em contos de Anibal Machado*. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6230>. Acesso em: 27 maio 2021.
- MACHADO, A. Monólogo de Tuquinha Batista. In: MACHADO, A. *A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias*. Introdução de M. Cavalcanti Proença. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 106-112. (Sagarana, 19).



MANTOLVANI, R. M. A Pátria de João Melo: um Estado multicultural. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 2, p. 1-10, nov. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2007.53572>. Acesso em: 27 maio 2021.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, J. O feto. In: MELO, J. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008. p. 147-155.

PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 317-321.

RANCIÈRE, J. *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

RIBEIRO, R. C. João Melo: Filhos da pátria. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008. Resenha da obra de: MELO, J. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Disponível em: <https://revis-taseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5638>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem).

TEIXEIRA PORTO, A. P. Contística pós-independência da dor e da violência: notas sobre *Filhos da pátria*, de João Melo. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 1-15, maio/set. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451668007>. Acesso em: 27 maio 2021.

TÔRRES, M. C. F. O discurso do oprimido opressor sobre si mesmo: uma leitura de "O feto". In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E LUSITANAS, 1., 2018, Pau dos Ferros. *Anais* [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/publicacao/detalhes/52>. Acesso em: 27 maio 2021.

TOTOLI, A. A relação entre texto e contexto literário em *Filhos da Pátria* de João Melo. *Humanidades em Diálogo*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 265-269, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2012.106224>. Acesso em: 27 maio 2021.

VALE, L. V. P. *Concepções estéticas em Aníbal Machado*. 2011. 246 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/37443>. Acesso em: 27 maio 2021.

## Endereço para correspondência

Arthur Almeida Passos

Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas

Av. 31 de Março, 577, acesso 9, prédio 20, sala 109

Coração Eucarístico, 30535901

Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*

---

## Arthur Almeida Passos

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil; doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil; bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).